

A nota jornalística em uma perspectiva dialógica: verbo-visualidade e ensino

The newspaper note from a dialogic perspective: verbal-visibility and teaching

Bruno Silva Lopes¹

*Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ)
e-mail:bruno.silva@cefet-rj.br

Resumo: Neste artigo, destaca-se a nota jornalística como gênero do discurso privilegiado para a análise e o ensino da verbo-visualidade. Para tanto, ancoramo-nos na teoria dialógica do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011 [1979]; Volóchinov, 2017 [1929]) e em alguns de seus interlocutores contemporâneos, a exemplo de Brait (2013a; 2013b), cujas análises evidenciam a importância de considerarmos a inseparabilidade das semioses verbal e não verbal na constituição de textos que se valem das duas materialidades. No plano didático, adotamos a Prática de Análise Linguística e Semiótica de base dialógica (Geraldí, 1984; 1997 [1991]; Acosta Pereira; Costa-Hübes, 2024) como apoio teórico-metodológico para orientar a leitura e a interpretação desses textos verbo-visuais. A análise, feita de forma descritiva e interpretativa, mostra que as imagens presentes nas notas, em especial as fotografias, não são registros neutros da realidade. São signos carregados de ideologias que podem atuar: (a) na persuasão/convencimento do leitor relativamente ao conteúdo axiológico da nota; (b) na ancoragem da mensagem verbal, em que o colunista se vale da imagem para auxiliar a compreensão global do texto verbal; e (c) na potencialização retórica da mensagem verbal, em que a imagem a integra, imprimindo-lhe força persuasiva e maior potencial de adesão do público-alvo.

Palavras-chave: Nota jornalística; dialogismo; verbo-visualidade.

Abstract: This text highlights the newspaper note as a discourse genre which is highly conducive for the analysis and teaching of verbal-visibility. To this end, we draw upon the dialogic theory of the Bakhtin Circle and some of its contemporary interlocutors, such as Brait (2013a; 2013b), whose analyses bespeak the importance of considering the inseparability of verbal and non-verbal semiosis in the constitution of texts that utilize both semiotic modes. At the didactic level, we adopt the Practice of Linguistic and Semiotic Analysis, grounded in dialogism (Geraldí, 1984;

¹ Professor do Cefet/RJ *campus* Valença e membro do Laboratório de Pesquisas e Práticas de Ensino em Humanidades (Lapenseh) – Cefet/RJ, *campus* Valença. Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

1997 [1991]; Acosta Pereira; Costa-Hübes, 2024), as a theoretical and methodological framework to guide the reading and interpretation of these verbal-visual texts. The analysis, carried out in a descriptive and interpretative manner, shows that the images embedded in the notes, especially the photographs, are not neutral records of reality. They are signs, which are loaded with ideologies, that can act: (a) to persuade the reader of the axiological content of the note; (b) in the anchoring of the verbal message, in which the columnist uses the image to help the overall understanding of the verbal text; (c) in the rhetorical strengthening of the verbal message, in which the image integrates it, imbuing it with persuasive power and greater potential for audience engagement.

Keywords: Newspaper note; dialogism; verbal-visuality.

INTRODUÇÃO

As notas jornalísticas, no Brasil, possuem uma trajetória centenária. Originaram-se das célebres crônicas sociais, populares desde o início do século XX, as quais eram caracterizadas por registrar, em um tom laudatório e, em certa medida, “bajulador”, o estilo, os modos de ser e de viver das camadas mais abastadas da sociedade. Entretanto, mudanças significativas no que concerne à função sociocomunicativa do gênero ocorreram a partir da década de 1940, impulsionadas por nomes como Manuel Antonio Bernardes Müller, que incorporara, em suas pequenas notas, a acidez, a ironia e a crítica, abordando também outros temas para além do *grand monde* (Souza, 2009). No período do regime militar, as colunas de notas se tornaram espaços estratégicos de comunicação política. Isso porque os militares não as consideravam um espaço subversivo que lhes oferecesse algum perigo. A partir da década de 1990, a grande imprensa, assumindo tendências mercadológicas, passou a investir em notas mais curtas, com títulos sintéticos, linguagem mais impessoal e uso constante das imagens, como podemos observar hoje em colunas como as de Ancelmo Gois. Esse breve panorama histórico mostra a plasticidade e a adaptabilidade das notas no correr do tempo, de forma a ampliar seu alcance e sua função comunicativa na esfera jornalística.

Em que pese o avanço das novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), as notas jornalísticas ainda integram jornais e revistas de forma bastante relevante na esfera jornalística, em especial no que toca à pluralidade de usos da linguagem, assim como à multiplicidade de semioses envolvidas em sua produção. Como gênero marcado pelos eixos da informação e da opinião (Melo, 1994), representam as notas um espaço de leitura apreciado por razões variadas que vão desde a relevância informacional até a leveza humorística por meio da qual os temas são apresentados ao leitor.

Nesse sentido, este artigo, concebendo a linguagem como “[...] forma de interação” (Geraldi, 1984, p. 43), busca responder à seguinte questão: considerando, especialmente, a coluna de Ancelmo Gois, de que maneira a verbo-visualidade integra as notas jornalísticas, de modo a contribuir para a construção de sentidos e para a persuasão do leitor desses textos? Dessa forma, a pesquisa tem como escopo, a partir do conceito de verbo-visualidade proposto por Brait (2011; 2013a; 2013b), investigar a articulação dessas semioses na composição das notas jornalísticas, com ênfase no papel das fotografias e em seu potencial didático.

Como objetivos específicos, destacam-se: (a) demonstrar a inseparabilidade entre as semioses verbal e visual, evidenciando como essas duas modalidades de significação se articulam na construção argumentativa dos textos; (b) analisar, com base na Prática de Análise Linguística/Semiótica de base dialógica (PAL/S, doravante), elementos imagéticos presentes nas fotografias como expressões faciais, foco, cores, de modo a apontar como tais elementos podem ser explorados em sala de aula, uma vez que operam na produção de sentidos das notas jornalísticas; e (c) investigar os efeitos ideológicos e retóricos da verbo-visualidade e seus possíveis impactos na recepção e interpretação das notas pelo público-leitor.

No texto, busca-se evidenciar a relação intrínseca entre o material verbal e o visual, que impacta a construção retórica dos textos/enunciados², de modo a influenciar/persuadir o interlocutor a aderir certas teses na atividade languageira. Observa-se que o material semiótico imagético contribui significativamente para produção de sentidos das notas jornalísticas, potencializando seu efeito retórico. Da mesma forma, as imagens recorrentemente são trazidas para abrir novas possibilidades de leitura, apontando dialogicamente para outros discursos. Nessa perspectiva, há o entendimento de que os elementos visuais enriquecem a mensagem verbal, de sorte a integrá-la (Brait, 2013a). Pondera-se que as imagens não representam apenas um recorte neutro da realidade. São signos carregados de posições valorativas que podem atuar: (a) na persuasão/convencimento do leitor relativamente ao conteúdo axiológico da nota; (b) na ancoragem da mensagem verbal, em que o colunista se vale da imagem para auxiliar a compreensão global do texto verbal; e (c) na potencialização retórica da mensagem verbal, em que a imagem a integra imprimindo-lhe força persuasiva e potencial maior de adesão do público-alvo.

No plano didático, argumenta-se que a PAL/S se configura como um instrumental teórico-metodológico adequado para o trabalho com leitura, produção e análise das notas jornalísticas em sala de aula. Primeiro, porque oferece possibilidades para que os alunos reconheçam mecanismos discursivos que balizam a produção e a recepção de textos midiáticos. Segundo, porque, ao se concentrar no “[...] processo interlocutivo e com esse olhar pensar o processo educacional” (Geraldi, 1997 [1991], p. 05), podemos nos centrar nas relações entre linguagem e ideologia, por exemplo, de maneira a analisarmos escolhas lexicais, composicionais, estilísticas e verbo-visuais que constroem posicionamentos em textos da esfera jornalística. Por essa razão, a PAL/S, a qual se fundamenta em uma perspectiva dialógica da linguagem (Volóchinov, 2017 [1929]; Bakhtin, 2011 [1979]),

² Bakhtin (2011 [1979]) autoriza a usar “texto” e “enunciado” como conceitos intercambiáveis, sobretudo, no seu escrito intitulado *O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras ciências humanas*. Seguindo o pensador russo, valemo-nos dos dois termos como sinônimos.

pode proporcionar aos estudantes instrumentos para que percebam que os textos/enunciados jornalísticos não apenas informam, mas também têm em vista a persuasão do público-alvo, orientando para leituras que lhes interessam no intercâmbio socioverbal. Leitura, produção de textos e análise linguística, sob esse viés, promovem uma formação crítica e responsiva dos estudantes, preparando-os para perceberem a plurivocidade dos discursos e seus impactos na dinâmica interativa.

Para demonstrá-lo, selecionamos um *corpus* representativo a partir da observação e leitura sistemáticas da coluna de Ancelmo Gois, colunista do jornal *O Globo*. A coluna de Gois é amplamente lida em território brasileiro e possui influência significativa em nosso jornalismo. É, pois, um objeto de estudo pertinente para a análise que aqui empreendemos, já que: (a) nela encontramos textos diminutos, mas carregados de sentidos construídos por meio de emprego estratégico da linguagem verbo-visual, o que favorece um estudo aprofundado da interação entre texto e imagem; e (b) as notas são compostas com variados recursos estilísticos – modalização, escolhas lexicais, discurso relatado –, que sugerem posicionamentos, avaliações, o que as torna propícias para uma análise crítica a partir da PAL/S. Desde nossa tese de doutorado (Lopes, 2018), a coluna tem se mostrado, a partir de sua materialidade textual, um instrumento eficaz para estimular e aprimorar as habilidades de leitura, produção textual e análise linguística dos alunos nas aulas de Português.

COMO SE DEFINEM AS NOTAS JORNALÍSTICAS HOJE

Diante das mudanças pelas quais as crônicas sociais passaram desde a sua criação, proporemos, nesta seção, uma definição para o gênero nota jornalística, terminologia que usamos na elaboração deste artigo.

Para Rabaça e Barbosa (1995, p. 143), a considerar a esfera jornalística, uma coluna pode ser entendida como uma “Seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o

noticiário comum.” Com base nessa definição, ressaltam-se características como a regularidade de publicação (semanal, diária etc.), a autoria e o estilo. Trata-se, pois, de um espaço propício ao exercício da experimentação jornalística e estilística, o que é um estímulo à criatividade dos chamados colunistas, isto é, jornalistas (ou não) que se dedicam a uma coluna regularmente.

Em relação à formatação, as colunas costumam ser dispostas de forma vertical nas páginas de jornais ou revistas, separadas por um espaço em branco ou uma linha fina. O tamanho dessas colunas pode variar bastante: algumas ocupam metade da página, como a de Ancelmo Gois, do jornal *O Globo*, enquanto outras, como a coluna *Radar*, da revista *Veja*, escrita por Gustavo Maia, ocupam até duas páginas. Além disso, existem colunas que preenchem apenas um quarto da página, como a de Merval Pereira, também em *O Globo*.

As colunas apresentam uma composição variada, incorporando notas, sueltos, artigos, legendas, fotos, comentários, entre outros conteúdos. Essas diferentes formas de expressão podem ser organizadas de acordo com a natureza da informação, o tema tratado ou a sua função sociocomunicativa. Dessa maneira, é possível encontrar colunas de opinião, notas sociais, esportivas, econômicas ou políticas.

Neste estudo, nosso foco será no que alguns estudiosos do jornalismo têm chamado de “coluna de notas” (Emerich, 2002, p. 261) ou “coluna jornalística de notas” (Coutinho, 2002, p. 275), um gênero proveniente das antigas colunas sociais. No entanto, optamos por tratar as notas jornalísticas como um gênero, não adotando as terminologias “coluna social” ou “coluna de notas”, exceto quando discutirmos as colunas como “espaços” jornalísticos ou ao nos debruçarmos sobre uma abordagem histórica ou teórica diferente. Essa escolha metodológica se baseia no entendimento de Bonini (2003, p. 226), que vê as colunas como “[...] espaços de jornal onde circulam vários gêneros”, o que nos parece mais apropriado em se tratando das notas jornalísticas publicadas hoje.

Todavia, é relevante esclarecer que, conforme ponderam Melo (1994) e Rabaça e Barbosa (1995), a definição de colunismo como gênero no jornalismo brasileiro pode

gerar ambiguidades. Em determinadas situações, as colunas são vistas simplesmente como um "espaço" destinado à publicação de diferentes gêneros do discurso, como crônicas, artigos de opinião e resenhas. Nesses casos, não se utiliza o termo "coluna de crônicas" ou "coluna de resenhas", pois estes são considerados gêneros independentes e já estabelecidos. Por outro lado, alguns defendem que, quando as colunas apresentam uma construção composicional, conteúdo temático e estilo de linguagem consistentes, e são acompanhadas de um especificador (como "coluna social" ou "coluna esportiva"), elas podem ser consideradas um gênero próprio, conforme a perspectiva de Bakhtin (Avvad, 2007).

Essa questão é complexa e não será abordada em detalhes neste artigo. Contudo, para reflexão, podemos considerar uma coluna como a de Gois. Ela funciona de maneira semelhante a um mosaico, incorporando outros gêneros. Não raro, o jornalista abre espaço para um pequeno artigo ou um comentário de autoria de outra pessoa. Isso levanta uma questão: a coluna seria um "microsuporte" dentro de um suporte maior, como o jornal, ou seria um gênero composto por uma variedade de outros gêneros intercalados?

Após essas considerações, fixemos o que estamos entendendo por notas jornalísticas neste texto. Para nós, elas se definem como pequenas comunicações verbais ou verbo-visuais que mesclam informação e opinião em sua constituição (Melo, 1994). Caracterizam-se por elementos como autoria identificada, liberdade de estilo, agilidade, brevidade, concisão, humor, criticidade, subjetividade e amplitude temática. São publicadas regularmente por um colunista, em um espaço fixo de um meio de comunicação específico, seja um jornal, revista ou outro tipo de suporte midiático.

DO SUPORTE À COLUNA DE GOIS

Entendemos por suporte o espaço “[...] físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.” (Marcuschi, 2003, p.11). Além de interferirem na configuração estrutural, temática e

estilística do gênero, os suportes também afetam a circulação, a recepção e a função social dos gêneros e dos textos, determinando como são consumidos e interpretados pelos leitores. Dessa maneira, podemos compreender não somente a evolução dos gêneros, mas também sua adaptação às novas dinâmicas da comunicação.

Nos jornais impressos, a exemplo de *O Globo*, as notas jornalísticas, em regra, costumam ser organizadas em colunas fixas, com espaço limitado. Tal configuração impacta, por exemplo, o estilo das colunas, que tende a ser conciso e direto, privilegiando a objetividade e a síntese da informação. Por outro lado, em ambientes virtuais como *sites* de notícias, a circulação das notas possui características distintas: a possibilidade de inserir mais recursos multimodais, *hiperlinks*, além de outras formas de interação com o público, altera, sobretudo, a circulação e a recepção dos gêneros e textos.

Os suportes são, assim, elementos ativos na construção de sentidos dos textos, podendo nos proporcionar informações essenciais para uma compreensão abrangente, especialmente em relação aos aspectos ideológicos e sociocomunicativos de um gênero do discurso. Portanto, dedicaremos algumas linhas ao suporte³ no qual se publicam as notas pesquisadas.

O jornal *O Globo*⁴ é uma publicação diária das *Organizações Globo*, que reúnem um significativo conjunto de grandes mídias brasileiras, incluindo a *Rádio Globo* e a *TV Globo*. Fundado em 25 de julho de 1925 por Irineu Marinho, sua sede permanece no Rio de Janeiro desde sua criação. Irineu faleceu prematuramente em 21 de agosto de 1925, pouco após o lançamento do jornal. Seu filho, Roberto Marinho, considerado jovem e inexperiente na época, não assumiu imediatamente a direção; essa responsabilidade foi

³ Bonini (2011, p. 691-692) considera jornais e revistas como hipergêneros. Conforme o autor, “[...] os gêneros, por vezes, são produzidos em agrupamento, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado) que estou chamando de hipergênero. [...] Todo hipergênero, como o jornal, a revista, o site, apresenta um sistema de disposição dos enunciados que envolve gêneros organizadores (sumário, introdução, editorial, chamada etc.) e gêneros de funcionamento (notícia, romance, tratado, entrevista etc.)” Neste artigo, optamos por seguir Marcuschi (2003, p. 25), para quem o jornal diário ou semanal “[...] é nitidamente um suporte com muitos gêneros.”

⁴ As informações desta seção foram extraídas do *site* do jornal *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/>. Acesso em 24 nov. 2024.

dada a Euclides de Matos, amigo de Irineu. Roberto Marinho assume o jornal em 1931, após a morte de Euclides, e dirige o veículo até sua morte em 2003.

Até 1962, *O Globo* era publicado à tarde, mudando para a manhã a partir desse ano. O jornal é descrito como essencialmente noticioso e voltado para a prestação de serviços. Conforme sua política editorial, suas principais funções são produzir conhecimento e informar com precisão sobre fatos e pessoas. Segundo essa mesma política, o jornal busca rigorosamente manter um tripé que assegura a qualidade da informação: isenção, correção e agilidade. Também se autodenomina independente, apartidário e laico. Embora reconheça e endosse a presença de seções de opinião, há um esforço consciente para que essas opiniões sejam contrapostas por outras, promovendo a diversidade de pontos de vista.

De modo geral, o jornal, disponível nas versões impressa e digital, organiza-se em grandes seções que abrangem uma variedade de temas. Por exemplo, a seção *País* destaca questões políticas, enquanto a seção *Rio* concentra-se em assuntos de interesse dos moradores do estado. A seção *Mundo*, por sua vez, aborda tópicos internacionais. A intenção parece ser a de oferecer ao leitor uma diversidade informativa e opinativa, atendendo a diferentes gostos e perspectivas, característica comum a publicações desse porte. Cada seção apresenta uma variedade de gêneros informativos e opinativos, cuidado gráfico e uma seleção criteriosa de imagens.

Em relação às notas jornalísticas, esse gênero é, historicamente, de grande relevância para o periódico. Isso se torna evidente já na leitura atenta do *Primeiro Caderno*, que apresenta a coluna semanal de Ancelmo Gois⁵, oferecendo informações e comentários sobre diversos assuntos. O jornal também conta com as colunas diárias de Patrícia Kogut no *Segundo Caderno*, focadas especialmente em entretenimento. Ademais,

⁵ A coluna de Gois foi publicada, durante quase 20 anos, diariamente no jornal *O Globo*. Recentemente, a coluna passou a ser veiculada semanalmente, aos sábados, para que o jornalista se dedicasse à publicação de suas notas no *site* do jornal, que está no ar 24 horas diariamente.

há colunistas que publicam em dias específicos, como Lauro Jardim e Ascânio Seleme, ambos aos domingos, com ênfase no cenário político.

Na sua coluna, publicada desde 2001, em *O Globo*, Ancelmo Gois aborda uma variedade de temas relacionados ao Rio de Janeiro e ao Brasil, por meio de notas curtas que ocupam metade de uma página do jornal. Como é comum entre os colunistas, divulga, com frequência, informações exclusivas sobre política, mercado financeiro, imobiliário etc. Além disso, faz a cobertura de eventos culturais e artísticos, abordando aspectos da vida cotidiana dos cariocas. Outra marca importante da coluna é o engajamento em temas considerados progressistas, a saber: o respeito à diversidade de gênero e à liberdade de crença, a valorização da cultura, da arte e da ciência, o reconhecimento da importância de pautas ambientais, entre outros.

O GÊNERO NOTA JORNALÍSTICA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS A PARTIR DA VERBO-VISUALIDADE

O Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011 [1979]; Bakhtin, 2015 [1969]; Volóchinov, 2017 [1929]) nos proporcionou reflexões filosófico-linguísticas fundamentais para compreendermos a linguagem em sua estreita relação com a vida social e com a ideologia que subjaz à interação socioverbal. Os estudos realizados pelos russos, sobretudo no que concerne aos gêneros do discurso, sublinham que a interação ocorre sempre por formas relativamente estáveis de comunicar e interagir, as quais possuem características composicionais, temáticas, estilísticas e sociocomunicativas próprias de cada esfera da atividade humana, sendo materializadas em textos/enunciados. Partindo desse pressuposto, analisar e compreender a construção estilístico-composicional das notas, a partir da qual ressoa o tema de cada uma delas (Rojo; Barbosa, 2015), pode nos auxiliar no entendimento de suas funções na esfera midiática, notadamente se considerarmos os padrões discursivos que interferem na argumentatividade. Dessa forma, diremos que a presença das imagens que são intercaladas ao gênero obedece a propósitos comunicativos

bem definidos, determinados também por condições extraverbais. Sustenta-se, pois, que o material imagético concorre significativamente para a construção de sentidos das notas, potencializando seu efeito retórico.

Essa compreensão se insere na Prática de Análise Linguística e Semiótica de base dialógica, inicialmente proposta como Prática de Análise Linguística por Geraldi (1984; 1993 [1991]), uma vez que enfatiza a necessidade de uma leitura crítica e reflexiva dos textos, levando em conta não somente sua estrutura formal, mas também a interlocução, os mecanismos de significação que operam na interação entre enunciador e leitor. Nesse sentido, a PAL/S “[...] se integra ao enunciado e aos gêneros do discurso por trabalhar com a língua viva presente nos diversos contextos das relações sociais entre sujeitos.” (Acosta Pereira; Costa-Hübes, 2024, p. 45). Por essa razão, a PAL/S viabiliza, no plano teórico-didático, uma análise das notas jornalísticas de forma integrada, de modo a observar como recursos verbo-visuais contribuem para sua argumentatividade e para os efeitos de sentido gerados a partir da interação.

Como ensina Geraldi (1993 [1991], p. 167), o texto é o lugar de encontro entre leitor e autor. É onde ocorre a produção de sentidos. Assim,

Sua materialidade se constrói nos encontros concretos de cada leitura e estas, por seu turno, são materialmente marcadas pela concretude de um produto com ‘espaços em branco’ que se expõe como acabado, produzido, já que resultado do trabalho do autor escolhendo estratégias no dito. O leitor trabalha para reconstruir esse dito baseado também no que se disse em suas próprias contrapalavras.

Para Brait (2013a, p. 44), Bakhtin e o Círculo têm muito a contribuir não apenas para a compreensão das relações interacionais mediadas pela linguagem verbal (escrita e oral), senão também para a “*teoria da linguagem em geral*”, o que implica considerar as múltiplas semioses com as quais os textos/enunciados são construídos. Com base em estudos propostos pela autora sobre a verbo-visualidade, tendo em conta as notas jornalísticas, há o entendimento de que os elementos visuais enriquecem a mensagem verbal, de sorte a integrá-la. Não há, portanto, possibilidade alguma de separar imagem e

verbo, pois ambas as semioses atuam na produção de sentidos dos textos/enunciados. Dito de outro modo, releva investigar como os elementos verbo-visuais interagem e se complementam no que respeita à construção de sentidos.

Para uma análise das notas em perspectiva dialógica, é importante considerar as relações dialógicas, assim como a responsividade (Bakhtin, 2011 [1979]). No que concerne ao primeiro termo, é de notar que um enunciado não existe isoladamente. Em verdade, ele está em contante diálogo com outros enunciados na complexa rede de relações sociodiscursivas que estabelecemos em sociedade. Assim sendo, “[...] todo enunciado, todo texto, somente tem vida contatando com outro enunciado, outro texto.” (Flores *et al.*, 2009, p. 202). Considerando as notas jornalísticas, observa-se que elas não apenas informam ou manifestam certa posição, mas também estabelecem relações com outros discursos políticos, sociais e midiáticos que preexistem, posicionando-se responsivamente diante deles.

Relativamente à responsividade, trata-se de um conceito central para entendermos a natureza dialógica da linguagem. Por essa perspectiva, toda fala é uma resposta, na medida em que nenhuma enunciação surge ao acaso, visto que é uma reação a discursos anteriores – concorda, discorda, polemiza, desconstrói, ironiza. Além disso, a escuta, a leitura não são passivas, mas atos de interpretação ativa. Bakhtin (2011 [1979], p. 271) observa que

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz alta.

É preciso salientar que a compreensão leitora responsiva das notas jornalísticas exige um engajamento crítico que rompe com a recepção passiva da informação. O leitor precisa reconhecer o caráter dialógico do texto – analisando criticamente vozes citadas,

silêncios estratégicos, escolhas verbo-visuais – e situá-lo em seu contexto ideológico e social. A leitura é, portanto, um ato responsivo ativo, no qual o leitor interage com o texto, produzindo respostas (debates, reinterpretações, ações). As notas não são um produto acabado. Tornam-se um elo dinâmico na cadeia de significados em disputa.

Nesse contexto, é de notar que os recursos imagéticos não são simplesmente adornos para a linguagem verbal. Pelo contrário, são parte constitutiva do enunciado, operando vivamente na construção de significados. Por essa razão, no que concerne às relações dialógicas, no texto como enunciado concreto,

[...] deve-se destacar a composição semiótico-ideológica de texto, que, ultrapassando a dimensão exclusivamente verbal, reconhece visual, verbo-visual, projeto gráfico e/ou projeto cênico como participantes da constituição de um enunciado concreto, de sua arquitetônica de responsabilidade, de sua inerente propriedade de constituir-se resposta que necessariamente engendra perguntas (Brait, 2013b, p. 39).

Em vista disso, percebemos que os aspectos imagéticos são relevantes para a produção de sentidos, para a condução argumentativa do texto e para o estabelecimento das relações com a palavra do outro, notadamente se considerarmos o enunciado “[...] a partir dos mecanismos dialógicos que o constituem, dos embates e tensões que lhe são inerentes [...]” (Brait, 2013b, p. 39).

A VERBO-VISUALIDADE NAS NOTAS JORNALÍSTICAS: O CASO DAS FOTOGRAFIAS

Em se tratando das notas jornalísticas, poderíamos pensar, a princípio, que as fotografias desempenham papel periférico na sua constituição, visto que, em algumas notas, não há articulação verbo-visual. Com efeito, tomando como exemplo a coluna de Ancelmo Gois, observa-se que, em média, há três ou quatro notas escritas com apoio de recursos imagéticos por publicação. Decerto, o espaço físico no qual se deve acomodar uma coluna de notas no jornalismo impresso parece intervir nessa dinâmica de arquitetura

dos textos. Além disso, é provável que o estilo do colunista, assim como o suporte também intervenham na estruturação da coluna. Gois pertence à “velha guarda” de colunistas, para os quais o texto escrito é o “carro-chefe” desses espaços midiáticos⁶.

Tais apontamentos não podem, a nosso ver, inviabilizar ou reduzir a importância das imagens na produção das notas. Se bem observarmos, invariavelmente todas as colunas de Gois dispõem de imagens em sua constituição. Outro aspecto a considerar: geralmente as fotografias são inseridas nas notas a que o autor deseja dar mais destaque. Por essa razão, o texto mais relevante que ocupa, em regra, o centro da página, aparece invariavelmente com imagens.

Em sua dissertação de mestrado, Acosta Pereira (2008, p. 165) observa que o planejamento visual de um enunciado no jornalismo impresso “[...] corresponde às diferentes ações estratégicas do veículo para atingir seus leitores.” Dito de outra maneira, a seleção imagética obedece a uma complexa e sugestiva estratégia para influenciar os leitores e captar a sua atenção no intercâmbio sociodiscursivo.

À vista disso, os elementos verbo-visuais não apenas mobilizam outras linguagens com vistas a recuperar os fatos que as palavras registram, como permitem que tenhamos outras leituras motivadas por efeitos de sentidos e valorações que o escrito, por si só, não seria capaz de veicular. Com respeito às fotografias, de acordo com Acosta Pereira (2008, p. 170),

Cada enunciado é único, concreto e irrepetível, nasce nas interações sociais e se constitui sempre como resposta a outros enunciados, num intercâmbio sociodiscursivo ininterrupto. A fotografia, nessa perspectiva, é concebida como uma unidade de comunicação, como uma unidade de sentido, necessariamente contextualizada. Isso significa que a fotografia se constitui não apenas por seus elementos semióticos internos (cor, enquadramento de luz, disposição dos elementos, foco, entre outros), mas, em adição, por condições extraverbais da situação social da qual se constitui e funciona.

⁶ A título de comparação, na coluna *Babado*, seção do jornal popular *Meia Hora da Notícia*, as imagens integram a maioria dos textos verbais. Parece-nos que variáveis como suporte, estilo e público-alvo são determinantes para a produção das colunas

Na intercalação das fotografias aos textos verbais das notas jornalísticas, percebem-se estes projetos discursivos mais gerais, que exemplificaremos mais à frente a partir de uma análise de textos/enunciados extraídos da coluna de Ancelmo Gois: (a) persuasão/convencimento do leitor quanto ao conteúdo axiológico da nota. O produtor do texto lança mão de recursos imagéticos com vistas a sustentar uma tese implícita ou explícita no ato linguageiro. A fotografia, nesse contexto, potencializa retoricamente a mensagem verbal, imprimindo-lhe maior força persuasiva e ampliando as chances adesão do público-alvo às teses do colunista; e (b) ancoragem da mensagem verbal, em que o colunista se vale da imagem para auxiliar a compreensão global do texto verbal, ensejando uma relação de complementaridade entre os elementos verbais e visuais.⁷

A título de ilustração, faremos, a seguir, uma breve análise descritivo-interpretativa⁸ de três notas extraídas da coluna de Ancelmo Gois. Observemos a relação dialógica entre estas três notas, duas delas publicadas em 06/07/2017 e a outra, em 07/07/2017. Nas duas primeiras, interpela-se o governador do Rio de Janeiro Luiz Fernando Pezão, que não se manifestou publicamente após a trágica situação em que uma mulher teve o ventre grávido atingido por uma bala em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. O ocorrido representou metonimicamente a tragédia pela qual passaram (e ainda passam!) os cariocas no dia a dia, principalmente no ano de 2017.

No mais

⁷ É possível ampliar a análise aqui proposta, abordando, por exemplo, intenções mais específicas: (a) ironia e sátira visual: a fotografia pode ser usada como elemento de corrosão e de crítica implícita, especialmente em notas pertencentes à esfera política; (b) construção da credibilidade e efeito de realidade: a fotografia “autêntica”, legitima a tese do autor, conferindo-lhe mais factualidade; e (c) efeito de condensação informativa: as notas são produzidas em um espaço diminuto do jornal – uma coluna. Nesse contexto, tais elementos imagéticos permitem que se transmita a informação de maneira mais precisa, objetiva e eficaz.

⁸ A análise se fundamenta em (Lopes, 2018), que considera, em linha com a PAL/S de base dialógica, as dimensões social e verbal do texto/enunciado. No que se refere à primeira dimensão, considera-se a relação entre os interlocutores, as mútuas influências entre eles, a finalidade ideológico-discursiva. Em relação à segunda, verificam-se as regularidades estilístico-composicionais dos gêneros, isto é, aquilo que linguística e semioticamente é usado, com frequência, para a concretização das relações dialógicas nas práticas correntes de interação verbal.

Na série “Designated survivor”, da Netflix, sempre que acontece uma tragédia, o presidente dos EUA, vivido por Kiefer Sutherland, pega o telefone e liga para a família da vítima, dá declaração pública e, por vezes, até se desculpa. Aqui, até agora, Pezão não se solidarizou publicamente com a família da criança baleada no ventre da mãe.

É bem verdade...

Se o governador tivesse que fazer isto sempre talvez não sobrasse tempo para fazer mais nada — dada a quantidade de tragédias que enlutam o carioca quase que todo dia.

O Globo. 06 de julho de 2017, p. 12.

O jornalista, assumindo sua posição valorativa relativamente à questão, cita a série americana *Designated Survivor* para ilustrar a conduta exemplar de um político estrangeiro face às tragédias que ocorrem na localidade em que governa. A atitude é oposta à do governador do Rio, que preferiu o silêncio ao pronunciamento público. O dêitico “aqui” reporta-se ao Rio de Janeiro, demarcando a diferença entre o comportamento elogiável do político de “lá” (Estados Unidos da América), e o reprovável do político daqui (Brasil). O título da segunda nota sugere que será feita uma ressalva em favor do governador – as reticências intensificam essa possível inferência –, mas uma quebra de expectativa ocorre deflagrando mais fortemente a situação de insegurança que se abate sobre a cidade. Isto é, parece não ser possível que o governador se compadeça das vítimas, porque, na verdade, são muitas as tragédias cariocas – em parte, gestadas no governo do próprio Pezão – que desnudam uma realidade que não lhe permitiria dedicar-se a outras funções.

Em diálogo com as notas acima, publicou-se no dia seguinte, na mesma coluna, a reação/resposta de Pezão:

Figura 01: Nota jornalística – Governador Pezão



'EU PREFIRO QUE VENHA DINHEIRO DO QUE EXÉRCITO'

A coluna reclamou, ontem, do que seria a omissão de Pezão nestas tragédias recentes que enlutam o Rio, cobrando que, pelo menos, o governador levasse um pouco de conforto pessoal às famílias das vítimas. Pezão reagiu dizendo que tem feito isso, na medida do possível, e que esteve em Nilópolis, na Baixada Fluminense, prestando solidariedade a familiares do bebê baleado dentro da barriga da mãe. Contou ainda que, diariamente, recebe um relatório sobre o estado da criança, "que está se recuperando, se Deus quiser".

O governador reconhece que o estado de calamidade financeira do Rio agravou a segurança pública. "Sem dinheiro, eu não posso, por exemplo, pagar o bico dos policiais". Ele se refere ao Regime Adicional de Serviço (RAS), que permite ao militar trabalhar para a PM em suas folgas, como é comum o policial fazer para empresas privadas. "Eu costumo dizer que prefiro que Brasília mande dinheiro do que Exército. Afinal, a nossa polícia, mal ou bem, conhece melhor o terreno da criminalidade do Rio".

Pezão insiste que não foge de sua responsabilidade: "Mas tem hora em que eu me sinto enxugando gelo". É que o governo federal pouco faz sua parte para evitar a entrada de drogas e armas por terra e mar. "Desde que assumi, vou a Brasília a cada 40 dias, pelo menos, cobrar o aumento de fiscalização nas estradas. Estava entrando fuzil da Venezuela e, depois, das Farc. O 'Zé' Eduardo (José Eduardo Cardozo, ministro da Justiça de Dilma) tinha me prometido reforçar a Polícia Rodoviária com 300 policiais e, até agora, nada". Pezão também reclama da legislação e lembra que o estado já apreendeu 2.500 fuzis nos últimos dez anos: "Só que o cidadão é preso, condenado a três anos e, no primeiro ano, já está solto".

Aliás, a "The economist", a revista inglesa, publicou, esta semana, que o aumento do uso do Exército no Brasil, para fazer patrulhamento de rua, pode fazer com que a população dê menos valor à PM. Mas essa é outra história ●

Fonte: O Globo, 2017, p. 12.

Para a análise, podemos recorrer a Brait (2011; 2013a; 2013b), que, como dissemos, inspirada nas ideias do Círculo, enfatiza a relação dialógica dos textos verbo-visuais. Por essa perspectiva, vale repeti-lo, inclui-se a materialidade visual que se entrelaça à materialidade verbal para a produção e recepção de significados na interação.

É evidente que os componentes imagéticos desempenham papel de relevo na construção do projeto de discurso do colunista, que intenta chamar a atenção para os problemas atinentes à segurança pública do Rio, situação que tem deixado o governador desconcertado. A imagem de Pezão, flagrado com os olhos arregalados, com o semblante assustado, denota sua reação apavorada diante dos seguidos casos de violência que têm acontecido no Rio de Janeiro. A foto confirma a impotência do governador para lidar com os problemas de segurança pública, que praticamente chegaram a níveis insustentáveis naquela cidade. A nitidez da foto permite que vejamos, nas marcas de expressão e nas olheiras de Pezão, a simbolização do cansaço, do abatimento. Observe-se que ele aparece sozinho, isolado, o que suscita melancolia, solidão de uma autoridade pública perdida

diante do descontrole da violência do Rio de Janeiro. A imagem, pois, parece estar longe da neutralidade: por um lado, potencializa a crítica feita à incapacidade de o governador lidar com os problemas de segurança pública do estado; por outro, é um elemento valorativo que direciona a compreensão do leitor da nota, que tende a considerar a expressão desgastada e amedrontada de Pezão em sua interpretação.

Para Volóchinov (2017 [1929], p. 93), “Onde há signo, há também ideologia.” O estudioso russo argumenta que todo signo é ideológico, já que reflete apreciações e valorações daqueles que os empregam. Nesse sentido, a fotografia presente na nota, em interação com o texto verbal, ajuda a construir um discurso específico sobre a crise de segurança pública no Rio, colocando em pauta a ineficiência da gestão de Pezão.

Adicionalmente, é importante destacar a disposição da imagem. O governador aparece em primeiro plano, lado a lado com o texto verbal. Esse destaque faz com que se abram novas possibilidades de significação que orientam o leitor na produção de sentidos. Talvez possamos dizer que a imagem apresenta função intensificadora nesse caso, na medida em que materializa graficamente o conteúdo do texto verbal, em especial no que se refere ao estado anímico do Governador. Mais: é de notar que o jornalista se preocupa em informar os créditos da imagem. A autoria reforça o caráter documental da foto, o que confere ao texto maior credibilidade. Por fim, não podemos nos esquecer também de que a nota coloca dois enunciados em tensão: a perspectiva do colunista e o contraponto de Pezão à fala do colunista. A fotografia atua para corroborar a incapacidade do político em lidar com a situação da violência no Rio de Janeiro acentuando o poder crítico do texto.

A propósito da diagramação, é preciso considerar os “aspectos materiais” com os quais se elaboram os textos (Koch; Elias, 2013, p.18). Elementos como tamanho e cor das letras, fonte e projeto gráfico podem influenciar, sobremaneira, a compreensão do texto. Nesse sentido, é de observar as letras garrafais negritadas que materializam a voz de Pezão (“**EU PREFIRO QUE VENHA DINHEIRO DO QUE O EXÉRCITO**”), por intermédio das quais se reconhece, em primeira pessoa, índice máximo de subjetividade, a tragédia financeira que se abateu sobre a cidade governada por ele. A voz do ex-

governador assim destacada é a síntese da sua posição sobre a segurança pública, representando o fracasso do estado em fornecer ao cidadão o mínimo de segurança. Por conseguinte, parece-nos razoável ponderar que a articulação precisa entre várias linguagens tem função de relevo na construção de sentidos do enunciado. O visual, pois, enfatiza as implicações do verbal.

Para finalizar esta breve análise, cabe destacar as várias vozes sociais que compõem o enunciado, isto é, sua “plurivocidade” (Faraco, 2009, p. 77). De modo geral, um enunciado é resultado de diversas vozes, as quais não se subordinam umas às outras, mas coexistem de maneira dialogada, ensejando uma complexa teia de significados que exige do leitor ou ouvinte uma interpretação acurada. Vale mencionar, a princípio, a citação usada como título na nota à qual já fizemos alusão. Em destaque, lança-se mão da aflita voz do governador, para quem o socorro financeiro ao estado é mais importante que o reforço dado pelo exército, que, como se sabe, enviou homens de seus quadros para ajudar na promoção da segurança no Rio no ano em que a nota foi publicada. Além disso, Luiz Fernando Pezão retoma, indiretamente, a voz dos policiais, argumentando que seria mais eficiente que ele dispusesse de recursos financeiros para pagar o “bico”, uma vez que a categoria conhece “o terreno da criminalidade”.

Por outro lado, há a posição crítica do autor da coluna, que considera a gestão estadual ineficiente e omissa. Na “costura” de discursos, o colunista alterna sua voz com a de Pezão trazendo comentários críticos à postura do ex-governador e à suposta falta de empatia para com a vítima da bala perdida, o que se observa nesta passagem: “A coluna reclamou, ontem, do que seria a omissão de Pezão nestas tragédias recentes que enlutam o Rio cobrando que, pelo menos o político levasse um pouco de conforto pessoal à família das vítimas.” Verbos de dizer como “reclamar”, “cobrar”, assim como a locução adverbial modalizadora “pelo menos” sinalizam, ao mesmo tempo, o grau de comprometimento do colunista com o conteúdo do enunciado e uma crítica implícita à provável falta de empatia de Pezão em relação às vítimas.

Por fim, o colunista incorpora a voz de um veículo de informação externo de prestígio (*The Economist*), trazendo mais autoridade à crítica relativa à presença militar no estado. Trata-se de uma voz que legitima a posição do colunista em relação à deficitária gestão do político na área de segurança pública. A interação dialógica das vozes presentes no texto evidencia embates ideológicos a partir dos quais se sugere que o modelo de segurança pública no Brasil pode ter falhas mais acentuadas que vão além da questão orçamentária.

Na primeira nota (“**No mais**”), ao comparar a postura de Pezão com a de um presidente ficcional em *Designated Survivor*, o colunista contrapõe e reforça de modo valorativo diferentes formas de liderança, evidenciando a falta de empatia do ex-governador do Rio. A segunda nota (“**É bem verdade...**”) tensiona essa crítica na medida em que ironiza a frequência das tragédias na cidade e sublinha a naturalização da violência, que consolida a crítica à ineficiência do governo. Já a terceira nota (“**EU PREFIRO QUE VENHA DINHEIRO DO QUE O EXÉRCITO**”) não apenas faz ressoar a crítica presente nas notas anteriores, mas a ressignifica, ao retirar o debate unicamente do plano individual, recolocando-o no plano estrutural. Com isso, amplia-se a discussão sobre a segurança pública brasileira, frequentemente associada à presença da força, o que ofusca a necessidade de políticas públicas mais abrangentes, como investimentos substanciais em educação, por exemplo. Vale observar que a nota estabelece um diálogo com discursos políticos mais amplos que preveem soluções antagônicas para o problema. Por meio do diálogo entre esses enunciados, o colunista constrói um discurso argumentativo que, para além de denunciar a ineficiência estatal, sugere que a crise da segurança pública ultrapassa a questão orçamentária, implicando dimensões sociais, políticas e ideológicas mais complexas.

PERSPECTIVAS DIALÓGICAS PARA O ENSINO: A FORMAÇÃO LINGUÍSTICA, CULTURAL, ÉTICA, POLÍTICA E HUMANA POR MEIO DAS NOTAS JORNALÍSTICAS

Há quase trinta anos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) salientavam a importância de os alunos compreenderem a cidadania como participação social e política, de sorte a exercerem seus direitos e deveres políticos, civis e sociais com base no diálogo, respeito e cooperação. Essa abordagem visava a formar indivíduos capazes de atuar de forma crítica e ética em suas comunidades, promovendo a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Ao longo do tempo, percebemos que esses objetivos se mantêm relevantes, reafirmando a importância contínua de educar para a cidadania, preparar os jovens para as complexidades do mundo contemporâneo e incentivar seu engajamento em questões políticas e sociais.

Compreendemos que educar para a cidadania envolve a habilidade de lidar com um volume crescente de informações em um mundo hiperconectado. Em ambientes digitais, os jovens frequentemente acessam, avaliam, integram dados provenientes de diferentes meios, como livros, jornais, revistas, artigos acadêmicos, *sites*, blogues, bancos de dados e plataformas digitais. A capacidade de filtrar informações relevantes, avaliar sua veracidade e utilizá-las de maneira eficaz é fundamental nesse processo de construção do conhecimento.

Vinte anos depois, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) reforçou tais demandas ao pôr em relevo o desenvolvimento de competências que contribuam para que os alunos façam uso das informações de forma “[...] crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.” (Brasil, 2017, p. 09).

Em vista disso, sustenta-se que a leitura e a compreensão críticas dos textos midiáticos, entre os quais, os jornalísticos, colocam-se como fundamentais nesse processo de construção da cidadania. De fato, estão eles em toda parte: de um lado, alguns ainda resistem em sua forma impressa; de outro, muitos deles já estão disponíveis para acesso digital, migrando também para diversas plataformas como *Facebook*, *Instagram* e *X*. Tais

apontamentos colocam em perspectiva a abordagem sistemática das notas jornalísticas em sala de aula. Mas de que maneira o gênero pode contribuir para a formação verbo-visual, cultural, ética, política e humana dos alunos a partir da perspectiva dos estudos do Círculo de Bakhtin?

A princípio, importa observar que as notas são um espaço profícuo para o estudo das relações dialógicas de cunho argumentativo, servindo à persuasão e ao convencimento do público-alvo (Lopes, 2018). No que concerne a habilidades de leitura, por exemplo, é possível criar estratégias de ensino e aprendizagem que levem os estudantes a detectar intenções, pistas deixadas pelo colunista, implícitos, vieses. Também podemos conduzi-los a reconhecer os diálogos intrínsecos entre o verbal e o não verbal, recuperando sentidos, entendendo a construção multimodal⁹ dos textos/enunciados. Isso reflete os usos sociais da leitura que se impõem na modernidade, em que a multissemiose se faz presente (Rojo; Barbosa, 2015). Portanto, importa proporcionar situações reais de uso da língua, nas quais os alunos leiam textos que circulam no contexto escolar com fluência, criticidade e autonomia.

Além disso, é de notar que o gênero apresenta riqueza temática, composicional, estilística e sociocomunicativa, motivo pelo qual pode ser explorado no sentido promover uma formação responsiva, ética e crítica aos estudantes. A título de ilustração, textos que abordam assuntos políticos e sociais aparecem com frequência na coluna. Gois parece assumir um *ethos*¹⁰ de quem repudia qualquer tipo de injustiça social. Não por acaso, diversidade étnica e racial, multiculturalismo, respeito à orientação sexual, valorização

⁹ Texto multimodal ou multissemiótico “[...] é aquele que recorre a mais de uma **modalidade** de linguagem ou a mais de um sistema de símbolos (**semiose**) em sua composição.” (Rojo; Barbosa, 2015, p. 108, grifos das autoras). Os textos da contemporaneidade são, em regra, compostos por múltiplas semioses – como a língua oral e a escrita, a linguagem corporal, os recursos audiovisuais e imagéticos (estáticos e em movimento) –, o que torna essencial compreender como esses elementos interagem na construção dos sentidos dos textos/enunciados.

¹⁰ Para Amossy (2016, p. 09), “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa.” A construção do *ethos* está ligada a essa imagem que queremos passar a nossa audiência.

da arte, da cultura e da ciência são bandeiras levantadas pela coluna. Analogamente, as denúncias de corrupção na esfera política, bem como o combate ao retrocesso civilizatório promovido por algumas correntes políticas também se fazem presentes. Por essa razão, as notas oferecem possibilidades para que o professor insira esses conteúdos em suas aulas.

Na nota que examinamos anteriormente, a perspectiva da verbo-visualidade, ancorada na teoria dialógica do discurso (Brait, 2013a; 2013b), dá ênfase à interação entre diferentes vozes, semioses, contextos e significados, oferecendo importantes subsídios para a análise da representação visual e verbal dos enunciados. Em sala de aula, algumas questões propiciam ao docente da área de linguagens desenvolver a leitura autoral e o pensamento crítico dos alunos visando à formação cidadã, especialmente a partir dos textos jornalísticos.

Para ilustrar, exploremos com os alunos do 2º ano do Ensino Médio a carga ideológica dos signos nas notas jornalísticas, fundamentando-nos na PAL/S, a qual tem sua base em Geraldi (1984; 1991 [1997]). A proposta se insere em um trabalho que contempla as práticas discursivas de leitura, escrita e análise linguística/semiótica no âmbito escolar, tal qual orienta a BNCC (Brasil, 2017). Sugere-se que o trabalho seja pautado nos eixos estruturantes da área de Linguagens, em especial, considerando as propostas para a disciplina de Língua Portuguesa. Assim sendo, é importante que os estudantes possam tecer reflexões que “[...] **envolvam o exercício de análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses [...]**” (Brasil, 2017, p. 486, grifos dos autores), de que os textos/enunciados se valem para a produção de sentidos.

Cabe dizer que a PAL/S de base dialógica oferece importantes instrumentos para a análise verbo-visual que ora empreendemos, visto que possibilita aos alunos identificarem, na interlocução, estratégias argumentativas e ideológicas, desenvolvendo uma postura responsiva diante dos textos/enunciados midiáticos. A questão da responsividade se manifesta no modo como os estudantes são chamados a posicionar-se

criticamente diante dos discursos que os cercam, quer por meio das análises linguísticas e verbo-visuais, quer pela produção reflexiva de textos. Essas práticas ampliam a compreensão acerca do funcionamento dos gêneros midiáticos e contribuem para formar leitores e produtores de textos críticos e ativos, em consonância com a formação cidadã e com o desenvolvimento da autonomia. Em outros termos, a PAL/S nos oferece a possibilidade de articular leitura, produção de textos e análise verbo-visual das notas, promovendo uma reflexão ativa sobre os discursos midiáticos e suas implicações socioculturais.

Por essa perspectiva, é importante evidenciar como palavras, expressões, fotografias, diagramação, artes gráficas não são neutras. Carregam uma carga ideológica. Influenciam, sobretudo, e até direcionam a compreensão dos leitores. Ao considerar o texto analisado, palavras como “omissão”, “reclamou”, “calamidade”, “enlutam”, dentre outras, são escolhas lexicais críticas à gestão do ex-governador, que parece incapaz de lidar com o problema da segurança pública no Rio de Janeiro. É um momento oportuno para reflexões acerca da suposta neutralidade do texto jornalístico e para debates sobre as visões de mundo que são construídas a partir das palavras que selecionamos para compor nossos projetos de discurso. Isso suscita discussões acerca do estilo de linguagem usado para composição das notas jornalísticas.

Para além das escolhas lexicais, importa discutir como outros traços do estilo do colunista são fundamentais para a construção de avaliações sobre as atitudes de Pezão. A título de ilustração, a utilização de marcas de modalização, como em “seria a omissão de Pezão”, modulam o grau de certeza, possibilidade ou necessidade das ações descritas, contribuindo para o tom persuasivo do texto/enunciado. Nesse caso, “seria” denota uma hipótese em vez de uma afirmação categórica. Com isso, o enunciador demonstra cuidado com afirmações imperativas, sem, contudo, negar que a omissão do ex-governador é perfeitamente plausível. Imprime-se um tom avaliativo à ação sem recorrer a julgamentos diretos.

O uso do discurso relatado também se destaca no texto: verbos declarativos como “reconhecer”, “afirmar”, “reagir” e “reclamar” permitem ao colunista reinterpretar e reorganizar a fala original, inserindo avaliações sutis, nuances de sentido que orientam a leitura crítica do texto. Essa análise pode ser enriquecida por meio do contraste com outra notícia, reportagem ou artigo de opinião de uma linha editorial antagônica, a fim de levar os alunos a perceberem que o estilo de linguagem constrói diferentes efeitos de sentido a partir de perspectivas ideológicas distintas.

Ainda no que respeita ao signo ideológico, é fundamental propor uma análise acurada sobre a fotografia usada na nota. De fato, a fotografia de Pezão não é simplesmente um recorte ou registro da realidade. Diversamente, o colunista a intercala ao texto verbal com vistas a reforçar a crítica feita ao político, o que faz da imagem um elemento estratégico, se considerarmos o projeto de discurso do colunista. Seria interessante levar algumas questões aos alunos: (a) a partir da expressão facial e do enquadramento da imagem, quais emoções/sentimentos o ex-governador parece expressar? (b) essa mesma imagem seria adequada para uso em uma campanha política na qual Pezão fosse candidato? Por quê? (c) A imagem fortalece ou enfraquece a crítica feita a Pezão?

O momento de análise da fotografia proporciona ao docente uma oportunidade para levantar conhecimentos prévios que os alunos têm sobre o ex-governador e sua gestão. Uma vez que Pezão já deixou o cargo há alguns anos, é fundamental trazer informações sobre seu governo. Poder-se-ia, além disso, discutir o papel de figuras públicas na esfera política, bem como conduzir um debate sobre problemas de gestão no que se refere à segurança pública e sobre modelos de segurança de outros países que se mostraram exitosos no combate à violência.

No campo da produção textual, é pertinente propor aos alunos que reescrevam o título e o corpo da nota em um tom mais neutro e objetivo, atenuando a carga ideológica do texto, ou, ao contrário, tornando-o mais favorável ao ex-governador. Por outro lado, é viável sugerir-lhes a seleção de fotos, desenhos que contribuam para construir uma

imagem pública positiva do político. Com isso, reconfiguramos o texto e seus valores axiológicos serão outros. A reescrita textual, como prática responsiva, possibilita aos alunos não apenas identificar o conteúdo ideológico do texto, mas também posicionar-se dialogicamente, elaborando contradiscursos que respondam às vozes do texto/enunciado original.

Por fim, podem-se tecer considerações acerca da plurivocidade, conceito que nos possibilita considerar o texto jornalístico como espaço de interação entre múltiplas vozes sociais que, por vezes, se harmonizam e, por outras, se repelem. Uma proposição que nos parece promissora é o desenvolvimento da percepção dos estudantes em relação à heterogeneidade dos discursos que constituem os textos jornalísticos, bem como à construção de sentidos a partir dessa interação. Entender como as vozes de Pezão, do colunista, do *The Economist* se articulam e entram em tensão é essencial para a compreensão global e crítica do texto. Nesse sentido, o professor tem a oportunidade de fazer um estudo mais aprofundado sobre o discurso relatado, analisando com os alunos sua inserção na nota. Nesse processo, verificam-se as informações selecionadas, as intenções subjacentes, o que foi dito e o que não foi dito, pois, como o colunista manifesta sua posição axiológica e busca sustentá-la, outras vozes se enfraquecem ou mesmo são apagadas.

Como dissemos, a interação verbo-visual nunca é neutra: é integradora. O uso das imagens, na esfera jornalística, pode sustentar outros discursos, distorcê-los, se contrapor a eles, ironizá-los, desconstruí-los. Dessa forma, a verbo-visualidade como objeto de análise, contribui para que os alunos compreendam que as imagens também “falam”, de modo a modificar o texto verbal. Elementos como enquadramento, ângulo, cores e foco da fotografia influenciam a percepção do leitor e conduzem sua compreensão do texto. Com isso, os estudantes perceberão que os valores axiológicos que se manifestam nos enunciados se constroem a partir da linguagem verbo-visual.

É relevante propor, ainda, discussões sobre a esfera midiática e sua participação na formação da opinião pública. Sem dúvida alguma, as mídias têm um papel fundamental

na formação de concepções sobre gestão pública, corrupção, especialmente quando se trata de figuras públicas como políticos. Dessa forma, os meios de comunicação moldam percepções e influenciam a audiência. A compreensão de como se estrutura o discurso midiático está em linha com a formação cidadã, já que conduz os estudantes a lerem criticamente os textos, de forma a não consumirem passivamente as informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As notas jornalísticas, não raro, são estruturadas por meio de uma complexa articulação verbo-visual. O material semiótico imagético, quando usado, contribui significativamente para produção de sentidos das notas, potencializando seu efeito retórico. Da mesma forma, as imagens recorrentemente são trazidas para abrir novas possibilidades de leitura, apontando dialogicamente para outros discursos. À vista disso, há o entendimento de que os elementos visuais enriquecem a mensagem verbal, integrando-a (Brait, 2011, 2013a). Nas notas que compuseram nosso *corpus*, as fotografias são exploradas consciente e competentemente pelo colunista a fim de conduzir a argumentação para que se obtenham certos efeitos/impactos sobre os leitores.

Com relação às práticas de leitura, análise e produção de textos, reafirma-se que o gênero pode ser um importante instrumento de auxílio na promoção da cidadania, função que também cabe à escola, conforme previsto nos PCNs (Brasil, 1997) e na BNCC (Brasil, 2017). Proporcionar aos estudantes uma formação crítica e ética quanto ao uso da informação é, com efeito, fundamental em um mundo profundamente impactado pelas novas formas de interação. Nesse sentido, a leitura e a compreensão de textos multissemióticos lhes permitem acessar, filtrar e interpretar informações de maneira responsiva e reflexiva. A perspectiva da verbo-visualidade a partir da teoria dialógica do discurso (Brait, 2011; 2013a; 2013b) se configura como um campo fértil para o ensino da linguagem em funcionamento, especialmente quando nos concentramos em colunas como as de Ancelmo Gois. Isso porque os textos do colunista contemplam a diversidade

temática, a preocupação com causas sociais e políticas, o respeito à democracia e às escolhas individuais, pelo que podem contribuir para a formação crítica, ética e responsiva dos alunos, auxiliando-os a compreender as relações entre o verbal e o visual na construção de sentidos dos textos que circulam em sociedade.

Nesse contexto, a Prática de Análise Linguística/Semiótica de base dialógica oferece os alunos, a partir de atividades de leitura, produção de textos e de práticas de análise verbo-visuais, instrumentos para que identifiquem estratégias argumentativas que sinalizam ideologias, promovendo uma visão crítica das interações socioverbais. A abordagem propicia, por exemplo, a análise de escolhas lexicais, mecanismos de modalização e recursos imagéticos, a fim de compreender como os sentidos são construídos e orientam a interpretação dos leitores das notas. Ainda: a PAL/S viabiliza da percepção da plurivocidade e da responsividade, relevantes para a análise de textos midiáticos, demonstrando como certos discursos são amplificados e outros, pelo contrário, são silenciados. Em práticas de reescritura de textos jornalísticos, os alunos poderão desenvolver uma postura crítica em face das mídias, tornando-se também leitores mais autônomos e cidadãos mais conscientes das relações de poder existentes na esfera jornalística.

REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, R. **O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valorção.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91239>. Acesso em: 11 out. 2024.

ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. A Prática de Análise Linguística/ Semiótica nas aulas de Língua Portuguesa: entre a tradição e a mudança. *In*: ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES; COSTA-HÜBES (Org.). **A Prática de Análise Linguística/Semiótica nas aulas de Língua Portuguesa: entre a tradição e a mudança.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2024. Disponível em: https://pedrojoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2024/10/EBOOK_Pratica-de-

[analise-linguistica-semiotica-pal-s-nas-aulas-de-lingua-portuguesa.pdf](#). Acesso em: 02 abr. 2025.

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. *In*: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

AVVAD, M. **Os neologismos na coluna Gente Boa**: um estudo lexicográfico. 2007. 125f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BAKHTIN, M. M. (1969). **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. M. (1979). **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BONINI, A. Gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez., 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ld/a/QpB5JT5xRqNkCcwXFWDBttm/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 22 out. 2024.

BONINI, A. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/8TPr4y57SBtJvQSsZt3XWgx/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 19 jul. 2024.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez., 2013a. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em 20 jan. 2025.

BRAIT, B. Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem. *In*: MACHADO, I.; LIMA, H.; LYSARDO-DIAS, D. (org.). **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE, 2013b. p. 38-56. *E-book*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/netii/imagem.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRAIT, B. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.5, p. 183-196, 1º semestre, 2011. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/5397>. Acesso em 10/10/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COUTINHO, I. Colunas jornalísticas de notas: representação na imprensa. *In*: MOTTA, L. G. (Org.). **Imprensa e Poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 275-298.

EMERICH, D. O beijo de Mangabeira – o jornalismo político das colunas de notas. *In*: MOTTA, L. G. (Org.). **Imprensa e poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 261-274.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FLORES, V. N. *et al.* **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

GERALDI, J. W (org.). **O texto na sala de aula: Leitura & Produção**. Cascavel-PR: Assoeste, 1984.

GERALDI, J. W. (1991). **Portos de Passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GOIS, A. Eu prefiro que venha dinheiro do que Exército. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano XCII, nº 30.650, 7 jul. 2017, p.12.

KOCH, I.; ELIAS, V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LOPES, B. S. **A nota jornalística no ensino de Língua Portuguesa: propostas práticas e aplicações**. 2013. 300f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais (parte 1). **DLCV**, João Pessoa, PB, v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7434>. Acesso em: 15 out. 2024.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RAMOS, M. C. **Intrigas da corte**: o jornalismo político das colunas sociais. Rio de Janeiro: Corpo da Letra, 1994.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOUZA, R. M. **Dos canapés à política**: a reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico. 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=8>. Acesso em: 02 abr. 2017.

VOLÓCHINOV, V. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Data de recebimento: 03/03/2025

Data de aprovação: 04/07/2025